

20 Anos em Testemunhos

Susana Gómez Martínez

Campo Arqueológico de Mértola



“

IEM testimonial

Em 2002, tanto o Campo Arqueológico de Mértola como o Instituto de Estudos Medievais preenchem os formulários para tornar-se Unidades de Investigação (UI) creditadas pela ainda jovem Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O que poderia parecer apenas uma fórmula para encontrar financiamento, tinha a virtude de promover mecanismos de trabalho de grupo e espírito competitivo nas Ciências Sociais, praticas pouco frequentes no campo da história no sistema científico português. Nessa época, ambos centros partilhavam um mestre comum, ainda vigoroso, o professor José Mattoso, o elo mais importante que sempre uniu o CAM e o IEM, figura inspiradora que deixou em ambas instituições uma marca indelével e estruturante e que tanta falta nos faz para orientar os nossos passos.

Se o Campo Arqueológico de Mértola optou por seguir a via de uma investigação mais pluridisciplinar e unir sinergias com outros centros (Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património - CEAACP), o IEM manteve a sua especificidade de centro especializado na Idade Média. Esta escolha tem vindo a manifestar-se como uma autêntica

necessidade no panorama científico português. As Universidades tendem a impedir que os seus docentes integrem Unidades de Investigação que não tenham o seu centro na própria instituição, forçando muitas vezes a concentração de investigadores em unidades sem coerência temática ou epistemológica.

Contrariando esta tendência, o Instituto de Estudos Medievais manteve a sua coerência e identidade que cada vez se tornam mais necessárias, pois o interesse por esse período tem vindo a diminuir (vejamos, por exemplo, o decréscimo de mestrandos e doutorandos que escolhem essa época para os seus estudos) e os velhos clichés sobre a Idade Média continuam a dominar o conhecimento que dela tem o público geral. Medieval continua a ser adjetivo para qualificar qualquer coisa de retrógrada, incivil, bárbara e até cruel.

O IEM tem conseguido manter um elevado nível nas suas atividades científicas e um corpo coerente e coeso de investigadores dedicados à Idade Média, que não se circunscreve apenas à sua casa mãe, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem sabido captar as sinergias de outras instituições nacionais e estrangeiras. Tem sido neste ambiente de cordialidade e cooperação que o Campo Arqueológico de Mértola e o Instituto de Estudos Medievais têm colaborado, quase sempre de modo informal, ao amparo da familiaridade e da generosidade dos seus dois pais fundadores (José Mattoso e Cláudio Torres). Quase sempre, essa colaboração materializou-se na organização de congressos, especialmente aqueles que homenagearam grandes medievalistas, por vezes desaparecidos. Assim chorámos juntos a Filomena Barros, mas celebrámos em vida o José Mattoso.

A revista *Medievalista* tem-se afirmado como uma publicação de referência, que os membros do CAM têm utilizado para divulgar alguns dos seus trabalhos de investigação e que é procurada internacionalmente. Boa parte dos artigos nela

publicados tornaram-se leituras obrigatórias nos últimos anos, em disciplinas de licenciatura e mestrado.

O futuro da investigação sobre a Idade Média em Portugal dependerá em boa parte dos resultados da avaliação dos projetos plurianuais de investigação, agora prevista para 2024. Mas a avaliação que venha a ser feita, seja qual seja o seu resultado, não deverá ser marcante. Mais importante do que o financiamento que possa vir da FCT, é a dinâmica, o prestígio e as sinergias que os investigadores do IEM tem conseguido angariar nacional e internacionalmente. Desconhecemos qual será o investimento que será destinado às Ciências Sociais e Humanas no próximo plano plurianual, mas não se vaticinam grandes mudanças num tempo em que a técnica, e, sobretudo, as tecnologias digitais, continuam a ofuscar a sociedade e os governantes.

Por tudo isto, deveremos reinventar-nos e procurar mecanismos criativos, não apenas para conseguir financiamentos, mas, sobretudo, para captar o interesse da sociedade e para criar a “massa cinzenta”, que ajude a pensar e a reinterpretar a Idade Média perante os desafios do século XXI. Foi isso que conseguiram nos anos 80 e 90 do século XX as figuras de referência da história e da arqueologia do Portugal Medieval, os professores Cláudio Torres e José Mattoso. Ambos souberam colocar os resultados do seu trabalho na agenda mediática e obrigarnos a conhecer melhor o nosso passado comum.

”

